

EXCONFIDÊNCIAS

MINEIRAS

EXCONFIDÊNCIAS

MINEIRAS

Cadu Cardoso

Edição do Autor

Para Maria Lina,
sem a qual o cão da literatura ainda
estaria embaixo da cama.

Prefácio desinteressantíssimo

Diretamente da estante empoeirada de Brás Cubas saiu este volume, que foi prefaciado por Mário de Andrade, psicografado por Chico Xavier que, já morto, ditou para o Palminha que é o caboclo que aparece nas reuniões espíritas realizadas na minha casa aos sábados. Mário achava que Oswald era um péssimo foot-bolar e tinha pena dele por gastar tanta energia e dinheiro com a mulherada. Já o funcionário público Mário ganhava mais dinheiro e tinha tempo para escrever coisas mais sérias que as que Oswald escrevia. Por isso, Mário desdenha da presente compilação, dizendo que ela deveria continuar na Penumbra, nem que seja a Machadadas. Para quê ficar copiando um Don Juan das metonímias e das saias internacionais? Um navegante de águas obscuras que só sabia fazer biscoitos?

– Vê se esquece de mim, Maria Antonieta de Alckmim!

Finaliza o iracundo Mário, atrás do armário.

Prato do Dia

“Galhofa com farofa”

Claude Três Grãos

1- Caosmeço (a fúria do vento)

Um iceberg de vento desprende-se da geleira azul da eternidade shshshshshshshshshs ventou o vento uivento shshshshshshshshs um vento bigodudo holocástico shshshshs rodava que nem peão shshshshshshs o vento desesperado shshshshshshshshshs vento transmitido pelo rádio shshshshshshshshs o ventooooo shshshshshshshshshs stultífera navis shshshshshshs ventou retumbante às margens plácidas shshshshshshs com seu cavalo branco napoleônico shshshshshshshshshs o vento shshshshshshshs tombou a torre da igreja shshshshshshshshshs varreu o bispo shshshshshshshshshs a rainha e o rei, todos no xadrez shshshshshshshshs varreu Ruanda shshshshshshshshs que vento shshshshshshshshshs o vento suicidou a ampulheta shshshshshshshshshs e ventando abortou o tempo.

O sol, soldado do dia, veio correndo ver o que havia.
E a manhã ardia dia.
Havia vida ainda.

2- Eco do Boteco

ZYC 676 Rádio Sociedade shshssh shshssh...

O prefeito Papaverba e o juiz Averbaverba sentados e o boteco do Cacique em pé, atrás. Seu prefeito apertava na fina palha um pito fino.

– É, siô juiz, no início era o verbo...

– E depois veio a verba, né, siô prefeito – charutando, a aguardente entre os dentes.

As baforadas e as badaladas blemlém cantavam e dançavam.

...Quando olhei a terra ardendo

Qual fogueira de São João...

Na mesa da mesada de campanha, Ribeiro da Mata e os Coronéis armavam a eleição próxima.

– A botina, cumpadre, é um pé só. Até a eleição é todo mundo saci e zarolho.

Domingava luizgonzagamente em todo o país pelo rádio.

3- Missa

O padre de botina e batina batia sineta tlemtlém cantilena de madalena. Salmo salvo pelo sermão do irmão Jesus preso na cruz. Cruzes! A massa omissa submissa amassa o pão e o vinho. Vixe!

4- Reflexão

Chico Doido, enquanto fumava um Bakunin, lia o bagulhim, com o dedão do pé pra cima.

Sai Alemanha, sai Itália, sai Japão.

Lá vêm os aliados

De metralha e de canhão.

Segunda-feira, terça-feira, domingo também é feira.
Foi.

5- A Bomba!!!

BOMBA!!! BOMBA!!!

Havana urgente: BUUUUUUUMMMM!!! Despacho das agências internacionais noticia a explosão de uma bomba atômica na cidade japonesa de Hiroxima no dia 6 de agosto p.p. Os paladinos norte-americanos afirmam que é tudo pela democracia cristantã. Duzentos mil mortos.

6- A feira

Barraca cá, barraca lá; barraca cá, barraca lá. Jaca cá traz cajá. Passa aqui que eu vou por lá. Chico Doido taxiando na "estação". Pisa e pede: licença e desculpa, por favor. Bicicleta. *Pavão misterioso*. Barracas berrentas e lonas lentas ao sol.

Sou poeta e cantador...

A carne seca e a janela. Doido, o Chico atravessa a feira. Al Capone tinha razão: é melhor liberar que tergiversar. Limão. Cada barraca era um vagão.

Virgulino, o rei do cangaço. São dois e oito centavos.
Arrasta aqui. Macaxeira. A janela e a carne seca.

...a senhora leitora e o senhor...

A casa tão verde. Ô, Chico! Hi. Papaverba comprou a Câmara. O coco tá caro. *Napoleão invadiu a Rússia.* Frita o pastel. O trem da alegria aos domingos. A mulata, hotel das estrelas, incendeia a feira. O verde da casa volta.

...que venham aqui pra conhecer..

A seda azul do papel da maçã. Sinto um cheiro... um cheiro... Ooolha o marmelo! Loteria. *Os doze pares de França.* Laranjas. Hollywood de barbante. O padre rezando a missa. O papel de seda azul da maçã.

...tudo que há pra se ler.

A casa cor de rosa. O sermão de Deus. *A chegada de Catullo no céu.* Vou ver se arrumo mais um baseado. Cana. Meia volta, volver. Chita, olha o vestido. Experimenta, freguesa. Batata. Panis et circensis. A rosa da cor da casa.
Barraca cá, barraca lá...

7- Ufumu na fita

Ufumu vem na mula:

Terra nova, terra boa,

Viagem longa

Não seja à-toa.

Oooooaa! Mula após mula, a senhora Ufumu, militando mãe.

Desceu.

A prefeitura, perfeita em suas escadas, escondia em seus porões o prefeito.

Sentou-se.

A multidão ão vinha da igreja, da feira, do bar, vinha do ar. Vinha.

- É invasão!
- Quinta coluna!
- Chama o cabo! – verbalizou o Papaverba.
- O padre, cadê o padre?

As duas passando:

- O que é isso?

A senhora Ufumu sentou-se a seu lado, criançando cada coxa.

Espanto.

- A espada!

*Corre, corre,
se não corre, morre.*

Multidão. Muvuca. Sinuca de bico! E agora?

- Um japonês com uma espada!
 - Um samurai???!!!
 - Tem caroço nesse angu.
 - Destrincha, que atrás tem tropa.
 - Manda lá! Avisa lá!
- Ufumu tava faminto. Mulher também. Crianças. Sedento.
- Leva água.
 - Que Deus me leve!
 - O Código Penal! Me traga o Código Penal – togueou.
 - Hoje eu vou lavar a água!
 - A grama! Não pisem na grama!
 - Eu vou deitar e rolar.

8- Fim da missa

Ite missa est.

9- Papavento

No jardim da praça, a rosa cor de rosa. Bochecha de bebê pimpão. No jardim da praça. Pétalas dadivosas esquecidas. Só o Gegeu vinha. As mãos de Agenor acariciavam seus espinhos com intimidade e ela se despetalava toda. No jardim da praça. O Gegeu chuá-chuá com a mangueira aguava. **MUTUM.** Aos domingos Agenor vinha de fraque e cartola bater samba, no banco, ao pé da rosa. Com o testemunho do jardim da praça. Os casais florecidos inebriavam-se com a rosa e o samba. No jardim da praça. Os espinhos desta vida são papa ao vento no mundo do samba. As rosas não falam. (Põe sia nisso.) Papam vento no jardim da praça.

10- Confessionário de Onã

A batina pelada e mulambenta do padre BPM sentada, fantasiada de confessor. Ao lado Joana Papaverba.

– Tá vendo este vestido importado, estas jóias, sapatos?... Sabe aquela viagem a vapor, padre, foi tudo com o leite das crianças. Padre, será que Deus perdoa?

Eu ficava, Cristo! Eu vejo ela senhor, coxas, a pinta, ai aquelas ancas andando, santa-maria-mãe-de-

deus. O chuveiro frio, que pés! O travesseiro me endurece o pescoço.

– Eu peguei ele com a mão nas coxas da secretária. Aquelas mechas mexem. Ansiosamente ansioso revolve a batina pelada trunfatriunfalmente e transmuta em um sol dourado a plena escuridão.

A batina pelada mulambenta e molhada se retira para a sacristia, após impor dez pais-nossos e dez ave-marias. Miserere nobis!

O coroinha sacilépido:

– Seu padre, seu padre! Corre! A guerra começou.

O padre, de batina na mão:

– Quequihá? Quequifoí?

– Um japonês! Um japonês! A espada!

– Espada?! Que espada, menino?!

– A do japonês, padre.

– Ahn! Ah bom! Já vou! Já vou!

11- O tempo e a janela

Dona Violeta contava nuvens, descrevia seus formatos, falava o dia inteiro sobre elas. Não gostava da lua nem da rua; não gostava do pecado nem de homem safado. Observava a vida pela fechadura dura do recato, que é aquele gato que o regato bebeu. Recebera cartas alienígenas falando de amores terrenos (12x30m), mas não. A cristantanidade lhe trazia novidades e renúncias. O espelho do passado ficara virado, quebrado, dentro do armário, feito salário não recebido. De chita e só de chita, xiita ela se vestia. Tranças negras e longas

tristes dias testemunhavam. A chinela no taco toc toc toc. O sal no bife ouvia Ave Maria às seis.

12- No pueril poeirão

Chico Doido encontra o padre, o prefeito, o juiz e o cabo atônitos:

– Xxxiii! baixou o Buda!

O cabo comanda:

– Cerca a área!

– Calma, meus filhos, sem armas – oralizou o padre (um desarma-almas).

O padre olhou o japonês, o japonês olhou o padre. Olhos nos olhos.

Atrás, a baderna fora da caserna.

Ufumu lentamente se aproximou e depositou a espada aos pés do padre, de joelhos. Então se levantou, dois passos atrás mostrou o dorso das mãos (paz), as palmas calejadas (trabalho).

– Oooohhhh! – Multiadmiradadão.

O ainda-bem-que-te-vi, do alto do ipê, filmou então o silêncio emmosquecido. Por um segundo a praça se encheu de estátuas. Mas a multidão com e como a história se agita. O cabo tropa tenta conter. O povo tem sede de sangue e fome de vingança. O padre arma sua barraquinha e vende fichas de vinho e pão:

– Calma, esta cidade é de Deus, e não dos homens.

Ribeiro da Mata duas botinas à frente:

– Meu nome Ribeiro da Mata e o seu? – gestinervosoculante.

– Ufumu, Mitake Ufumu.

A praça gargalhada gargalhantemente riu risou derridentemente risonhosa derridou gargalhosa, riu seus risos mais antigos e mais futuros também.

13- Baixando a poeira

Ribeiro da Mata precisando de peões para trabalhar na construção do novo galinheiro:

– Quer trabalho? – enxadando o chão e mostrando os calos das mãos.

Ufumu acenou positivo e operante. Ribeiro da Mata chamou o capataz e mandou dar de comer e beber e que os levassem para a Paraíso.

Balbúrdia litúrgica. Era comentário. Espada. Japonês. Invasão. Guerra. Mata. Calma. Estripa. Japa safado.

– Meus filhos, acabou! Todos para casa.

Era domingo de manhã e as roupas novas estavam na ribalta. A cidade era um espetáculo único, mas o solista tinha vindo do outro lado do mundo. Feudópolis cosmopolitou.

14- Fim de feira

Domingário,
Sem salário,
Chico Doido anota
Em seu diário.

Domingário,

Extraordinário!
Chegou a Feudópolis,
Em sua mula, um corsário.

Domingário,
Precário
Viajante com
Seu espadachim estradivário.

Domingário,
O berçário
Da preguiça (ai que...)
Aqui neste documentário.

15- A história

Manhãzinha cedo, o rio fazia xixi e espuma, as árvores, mães das aves, faziam sombra nas belezas todas. As ruas se cortavam em cruz e se desentendiam em credo. O dia, num sorriso de varandas, fazia fórceps pra nascer de cesariana, como a história que ora aqui se narra.

16- Footing do Galinheiro

Quando o dormente acordou, um par de sapatos italianos desentrenhava na estação de Feudópolis.
– Sr. Leo Vronski, muito prazer, Ribeiro da Mata.

O telégrafo sem fio da estação, voltagem máxima, moço tap vistoso tap louro tap olhos azuis tap da estranja tap destino tap fazenda Paraíso *taptap* para alto falante da praça tap engenheiro russo tap trazido tap Ribeiro da Mata tap construção galinheiro novo *taptap* para rádio Feudópolis ZYC 767 capitão Exército tap solteiro tap Grande Hotel tap urgente tap batons tap anáguas tap vestidos novos tap footing tap calçada tap Grande Hotel.

17- Campanhas

Com a campanha "O poço é nosso", o prefeito Papaverba esperava granjear popularidade em toda a região para se tornar um Verbalizaverba Federal, faltava viabilizar a verba para a campanha. Resolveu usar a verba da campanha na campanha.

18- Oswaldivivo

Na padaria.

- Que biscoitos finos, seu Oswaldo!
- Sou eu que fabrico, Dona Violeta. Experimente.
- HUUUUUUUU! A massa é deliciosa!
- A massa é amanteigada, Dona Violeta.

19- Na Pharmácia Dublinense

Jaimijota acarinhava o balcão com os cotovelos doloridos.

Quando:

a parte de baixo da perna direita de Chico Doido, o pé, pisou a soleira.

Após.

A parte de baixo da perna esquerda,
o pé esquerdo pengó,
passou-lhe a perna lentamente,
silenciosamente,
em capítulos
até o balcão.

– Chiiiiiiii! – silêncio fura-bolo – Seu Jaimijota, por favor! – no sapatinho.

– ?????????? – Jaimijota.

Chico Doido explicou-lhe o doce de cânhamo. Não queria incomodar. Longe de mim. Queria alívio.

– É uma segunda atrás da outra, seu Jaimijota. – pianinho.

Jaimijota, desconfiado, bigodudamente cofiando.

– Praquêoquêondequalcomo?

– A natureza do céu azul que se esconde onde o rabo torce a porca. O senhor sabe, não é?

– Nãoemseinenhuresdenecasnenhuma.

– Tá bom, tá bom... – barítono.

Nesse caso:

– Um sabonete de limão doce e uma bucha.

– São três e dez centavos.

Eu vou, eu vou
Pro lago agora eu vou.
Lavar o bode eu vou
Eu vou, eu vou...

20- O lago danado

Chico Doido abordou o lago pela proa. Tardezinha preguiçosa.

– No ar ZYC 767 Rádio Feudópolis, Minas Gerais, Brasil, para o mundo inteiro saber Jaimijota violetou sua juventude inteira que o dia D não está longe violetava de dia e de noite no Rio de Janeiro o presidente Vargas na avenida em carro aberto descoberto esse amor violeta proibido Prestes a se consumir foi para o exílio.

O limão do sabonete na bucha lavava as partes.

– Papaverba decretou a municipalização dos poços artesianos ele pintou um cavalo violeta Averbaverba carimbou, protocolou o ato papaverbal paixão juvenil que ficou exposto na marquise do cinema da cidade os fazendeiros roxos de raiva foi ao pé do arco-íris e em vez de ouro trouxe o violeta arco-irídico, foi um espanto geral.

A espuma doce do limão sorria para o crepúsculo.

– Agora com vocês a hora do DIP. No Rio de Janeiro, 19 horas...

21- Justiça da tarde

Averbaverba sentado no mata-borrão de balanço matava moscas burras no feio fórum, com pena de ganso.

22- O sinal

Vronski espiava pela vidraça da janela o footing colorido, bebendo uma vodka. O vestido de organdi azul de Joana, pra lá e pra cá, numa balalaika louca, estilhaçou a sua curiosidade. O copo imprudente convidou-a para um drinque. Quando seus olhos azuis abriram a porta, a imprudência já era mãe de Madalena e uma profusão de gengivais ohs! e ahs! exauriu a garrafa, que, vazia, bateu a porta na cara da donzela.

23-

FAZENDA PARAÍSO. SORRIA
PARA ISSO ESTAMOS AQUI.

– Degenerados! – Ribeiro da Mata debaixo da brilhantina aos pernilongos lenga lenga. Embalado pela rede do avarandado, fumava cachimbo ouvindo Wagner de ouvido. Sentia-se o Führer do sertão, um Führer furreca cá pra nós, mas ainda assim um Führer. As Walkírias cavalgavam seus pastos e a poltrona da prefeitura cravara-lhe as patas na ambição. But um insight projetara o novo galinheiro como o seu impérioprioridade austro-húngaro. Niemeyer desenhou um enorme ovo daliniano, com design interno by Bauhaus. Poleiros de jacarandá, cochos de louça portuguesa e

chocadeiras acolchoadas de seda pura complementavam o seu sonho ariano.

24- Inconstitucionalissimamente

Na Paraíso, Ufumu enxugava o suor na enxada, que japonês não é de correr do pau. O dia fazia companhia para a noite e a noite para o dia. Solitários. Estrela não conversava com estrela. Caladas. Solidão. Imensidão.

Lida intensa
Solidão imensa
Linguagem.

Aos poucos Ufumu aprendeu a língua da bicharada. Fez-se leão entre eles. Já os homens, por desconhecido, tinham-lhe medo ou desprezo.

Por essa época, a Paraíso andava à beira da convulsão fundiária. Cada centímetro latifundiava latidos rosnantes.

– A senhora está sendo invasiva. Tenha a delicadeza de se retirar! – cavalheirescamente o cavalo Onofre.

– Ora, o senhor está de ferradura mole, vá se ferrar! – fricocoteante, a galinha choca Sheila com seus pintos.

– Não venha ciscar no meu terreiro, sua galinha! – Onofre cavalgadura.

Ufumu, com sua arca, tentava salvar a situação pré-diluviana.

– Não há motivo para brigas. As terras da Paraíso são muitas, são férteis e verdejantes, em se conversando tudo se ajesta. De onde eu vim...

Mas a arca não deslanchava.

– O pasto pouco, meu capim primeiro! – zurrava o burro Jeremias.

Ao que o touro Ricardão retrucou:

– Eu também vou comer esta merda!

– Vai não, seu chifrudo!

A arca empacada que nem mula.

– Por Buda, onde eu vim amarrar minha égua?!

Um dia Ufumu achou o ovo de Colombo. Juntou a bicharada.

– Vamos fazer uma Constituição!

– É isso aí, bicho! – a bicharada uníssona.

25- B e A, BA

A orelha do caderno nem dava ouvidos. Dona Violeta ensinava o B e o A, BA; B e A, BA. Os lapises de calças curtas, com miolo de pão, refaziam: B e A, BA.

Nessas tardes, a infância presa em suas, dela, masmorras saía em piquenique.

– ***O sinal abriu.***

– ***Já vou.***

Somente do telhado da casa solteirona de dona Violeta pingavam cupins coloniais originais. O resto do arruado era todo coberto por telhas francesas. O tic-tac da sala, com uma salva de quatro badaladas decretava o fim do piquenique analfomegabedário.

26- Adultério

Joana Papaverba olha o cabo nu. Tirando o bote. Fora a calça. Sem camisa. Pelos pêlos corre a cobra, o mato quieto. O ar parado de segunda à tarde no mato amanuense. Joana calçacalcinhaberenda se rende. O cabo leva a cabo o projeto da serpente. Mas a cobra obra em silêncio:

– Uma bunda é uma bunda: mordi-a-a, sem calça.
Joana Papaverba pula ulula de dor, ai!
No hospital, o sargento Pimenta fez a ocorrência.

27- Um sonho de galinheiro

Da Mata Ribeiro um teve sonho noite uma. Estando sentado embaixo de uma jaqueira, caiu-lhe na cabeça uma das grandes, que o fez desmaiar. Ao voltar a si, sete galinhas anãs lhe imploravam abrigo e prometiam em troca a realização de três desejos.

28- Alquimista

Jaimijota usava palavras estranhas que variavam de acordo com o seu *humour*. Acreditava que elas eram a criptonita capaz de amalgamar a alma do Super-Homem Cósmico. Em seu pequeno laboratório no fundo da Pharmácia Dublinense inoculava-as e desinoculava-as tal e qual um alquimista em busca do ouro da precisão. Tinha feito seis filhos, mas sua vida era um livro inesgotável.

29- Soutane nouvelle

O rego rebolante com a renda enterrada fazia corar a cerâmica do piso.

– Mandei vir este corte de Paris, nosso padre precisa de uma batina nova – Joana Papaverba alinhavou a conversa.

A senhora Ufumu leu na ourela “Cia. ind. de Cataguases” e não entendeu nada, mas pôs-se a coser.

30- A revorta da bicharada

Ufumu determinou a plenária no galinheiro. Na tábua redonda tomaram assento:

Presidente: Burro Jeremias

Relator: Anta

Porta-voz: Papagaio

Tesoureiro: Cachorro Severino

Empoleirada a bicharada meémiauauau agitada.

– Vamos botar ordem neste galinheiro! – burro Jeremias maltratando a madeira: Reformaagrariamentepolíticoslobistasdasociedadecivili pelosmilitaresoperáriosdaesquerdadcentroadireitasuln ortedebateramconluiriamvendidoscompramvotosconsciêncioresolveramlocupletarem-se a si próprios assim:

- 1- Cada macaco no seu galho;
- 2- Fica proibido olhar para o próprio umbigo;
- 3- Fica proibido sentar no próprio rabo;
- 4- Fica proibido dar asa a cobra;
- 5- Fica proibido galinha acompanhar pato;
- 6- Fica proibido falar pelos cotovelos;
- 7- Fica proibido cavalo subir escada;
- 8- Fica proibido proibir.

A bicharada não se conformou. Partiram para o confronto. Operação tartaruga: o leite, das tetas, gotejava. Ovos, um por semana. Ribeiro da Mata, botinas de aço, matou a tartaruga com duas cajadadas:

- 1- O burro Jeremias foi superfaturado para a prefeitura;
- 2- A galinha choca Sheila, aparatada de angu e quiabo, apartada de seus pintos.

A anta escorregou por baixo do farpado e nunca mais se ouviu falar do mim, é claro.

Ufumu decepcionado:

– Que bicharada Mais Sem Talento!

31- Aspirina, sexo e dor de cabeça

Jaimijota, que lixava os cotovelos quando Vronski deu de cara com o Bacalhau do Óleo de Fígado, pensou: eu conheço esse cara de algum lugar.

– Oh! Ah! Dê-me umas aspirinas, por favor! – Com as mãos na cabeça.

– Está com dor de cabeça, cavalheiro?

– Não, mas vou ter muitas.

– Como assim?

– O organdi azul, cavalheiro, o organdi azul.

– Então leve estes preservativos também. São três e dezesseis.

32- O vento comunista

O padre pulpitou o banco da praça pulperia:

– Meus filhos, o álcool é um destruidor de lares...

Mas um sudoeste ateu encanou-lhe por debaixo da batina nova. Os bêbados tontos, o padre parecia uma Marilyn Monroe em cima do bueiro. Saltou do banco, o vento moleque desalinhou os argumentos do padre e empinou a pipa preta. O padre correndo, ora tapava as vergonhas côncavas, ora as convexas; a bengala esbaforida blém, blém. O vapor alcoólico embebedou a tarde.

33- Barbearia

Vronski, de calças pretas e blusa amarela, sentado no barbeiro ao entardecer, lia Maiakovski vociferar críticas aos críticos. O piso da barbearia refletia o sol de seus cabelos cortados nos olhos dos transeuntes.

34- Bendita é a mãe

Na sacristia, já refeito, o padre BPM rezou dez pais-nossos e dez ave-marias em homenagem à sra. Ufumu que lhe tinha malcosturado a batina nova e volveu à velha e pelada batina mulambenta.

35- Usura

O Banco da Lavoura lavava a água em frente ao banco desempregado da praça.

36- Flatulência anarquista

A aléia de azaléias quebrou a esquina de raiva, quando os odores do trac de BJ invadiram os jardins e pisotearam seus olores. Em posição iogue, Chico Doido se concentrava para colocar no ar sua rádio quando (h)ouve o trac. BJ vinha meditando, após o expediente, agora era funcionário público...

- Que merda!!! – pensou alto.
- Merda digo eu!!!
- Pardon, cavalheiro, foi um lapso.
- Lapso?! Isso fede mais que cu de burro!!!
- Também não precisa ofender, cavalheiro...
- Chico Doido, ao seu dispor.
- Burro Jeremias, novo burro-chefe da limpeza urbana, prazer.
- Queira sentar-se.
- Obrigado, estou bem de quatro. Tempo quente, né?
- A previsão é trovoada na Prefeitura e tempestade na Câmara...
- O senhor gosta de política?
- Sou anarquista, graças a Deus!
- O quê?
- **Bota aí na lista: feijão, arroz, açúcar...**
- Não acredito em governo.
- Hummm...! Muito interessante.

37- Bakunin pra burro

- Você sabe né? Marx, Lênin, Trotski, Bakunin, Oscar Wilde...
- Oscar Wilde? Aquele do leque? Oscar Wilde era viado, rapaz!!!
- Isso não tem a menor importância.
- Claro que tem! Veja o Trotski, sujeito homem, traçou a frida dela, no México, até dar calo e ela riu de veras, pena que depois o Stalin ó... nele.
- IIIIhhhh!?!? Você é um burro trotskista? Vou te aplicar o Bakunin, conhece?
- Sai de mim, Bakunin!!!

38- Alter-ecos

O espelho olhava para Joana e lhe dizia:

- Esse biquíni de bolinhas é o mais bonito de todos. Joana salgou as pestanas nas azuis lembranças que vinham em ondas como o mar e perguntou piscando para o espelho:
- Ai, ai, é o meu número?

39- Ao piano

Dona Violeta, nas ebony and ivory, tirava as Polonaises da estante e espargia alegria na letargia noturna.

40- Serão no fórum

Averbaverba matava borrão e moscas burras que pousavam em sua cadeira de balanço burocrática, com pena de ganso.

41- Sindicato dos asnos

O burro Jeremias resolveu criar o sindicato dos burros da prefeitura. Chico Doido fizera sua cabeça e agora BJ era anarquista. Queria banho quente BQ pasto verde PV pouco serviço PS burra nova BN olerite gordo OG fundo de pensão FDP segurança e higiene no trabalho SEHNT carroça leve pra puxar CLPP Chico Doido pra conversar CDPC casa na roça pra descansar CNRPD lua cheia todo dia com ipê amarelo LCTDCIA o serviço público acima de tudo SPADT se eu for eleito farei tudo pelo bem do povo SEFEFTPBDP, mas o sistema financeiro internacional monopoliza o capital e dita as regras eleitorais MOSFIMOCEDARE; WYZTKKSMOCAEIOUNCP...

Papaverba PV argumentou que "burro não pensa" BNP, "que não há verbas" QNHV. Converseou pelengantemente às orelhas de burro de BJ a "privatização da coleta de lixo" PDCDL, que BJ seria um "burro rico e bonito" BRB.

A ata relata a criação da empresa encarregada da coleta e destinação do lixo EEDCEDDL, produzido na cidade de Feudópolis. Debateu-se o nome da empresa:

JEREMIAS E ASNOS ASSOCIADOS

JERERÊ E ASSOCIADOS

MIAS E ASSOCIADOS ASNOS

BJ E IRMÃOS

ASNOS MUNICIPAIS ASSOCIADOS

JEREMIAS E ASNOS ESTADUAIS ASSOCIADOS

JEREMIAS, O FEDERAL, E ASSOCIADOS.

O certo, Jeremias, é que presidente se tornou da JERERÊ E ASSOCIADOS e tomou posse de terno Armani e da verba de Papaverba averbada por Averbaverba verbalizada em discurso de improviso decorado por uma semana.

42- O santo

Rrrrrrroooooonnnncccc fffiiiiuuuu, *nossa padre esta sua batina é tão sensual rroonncc seu cabelo tão sedoso ffiiuu rroonncc zzzzzzzz* (isto é um pernilongo) *pena que sua batina tenha tantos botões rroonncc rroonncc dá muito trabalho para abrir fffiiiiuuu...*

- Seu padre, seu padre, acorda, seu padre, o santo, o santo! – o coroinha sacilérido.
- Ahn... Joana, meu... ahn...
- Seu padre, acorda, o santo.
- Que foi menino?
- O santo. Santo Expedito caiu.
- Caiu?!
- Caiu!

43- Minha terra tem cerejeiras

Com os olhos cerrados no sertão, Yukiko Ufumu evocava Osaka e as cerejeiras em flor, quando o amarelo do ipê rompeu-lhe as retinas. E coze e lava e passa e passa a coser o tecido fino da memória.

44- Cogumelo atômico

Chico Doido fazia sua costumeira incursão pela Paraíso em busca de cogumelos de bosta de galinha, quando encontrou Vronski e Ufumu.

ZYC 767 Rádio Feudópolis entrevistando direto da Paraíso Leo Vronski e Mitake Ufumu.

- Sr. Vronski, desta vez acaba a obra?
- Se não houver crime, não haverá castigo.
- Sr. Ufumu, o muro do galinheiro velho cai ou não cai?
- Se ela não cairrr, eu derrubarr ela manha!
- Sr. Doidovsk, me dá mais um cogumelo aí.
- Este tá pretão!
- Sr. Vronski, como sushiu a idéia de trabalhar no novo galinheiro?
- Estavo na eureka, comió um peixe ao escabeche y tuve um entalo.
- Sr. Ufumu, e o novo galinheiro é firme?
- Só quando eu Tóquio nele é que balança, né? Mas não hai kai, né?
- Sr. Ufumu, como foi sua viagem para o Brasil?
- Foca japonesa, foca recebeu radiação nuclear, foca ficou turbinada, japonês montou na mulher... não, mulher montou nas crianças... não, montamos na foca.
- Eiiiiita! Essa merece mais um cogumelo, e do bom!

TUM TUUMM TUUUMMM TUUUUMMMM...

Chico Doido subiu no pé de feijão antes que o botinudo Coronel virasse Lobisomem.

45- Santo de casa não faz milagre

Papaverba, todo papão, queria brincar de papai, mas mamãe Joana não:

- Por que não o papito?
- Promessa para Santo Expedito.
- E aquele cabo maldito?
- O cabo dele é mais bonito.

- E o gringo capitão?
- Porque ele é bicho bão.
- Aquilo é fruto temporão...
- Mas me dá uma sezão!

- Não vem com clima,
Que eu sei da prima
Que você dá em cima!

- Vou sair à francesa,
Comprei coquette,
Pelo preço de baronesa.

46- Quando o milagre é grande o santo desconfia

- Milagre! – o padre.
 - Milagre! – o coroinha.
 - Milagre coisíssima nenhuma! Coloquem-me logo no lugar, seus molengas, – reclamou o santo – expedito, vamos, me coloquem no lugar!
- E fuzilando desapiedadamente:
- Foi o seu ronco, BPM, que me derrubou do pedestal.

47- Vida besta

Um crepúsculo de macho subjugava Feudópolis e corava as faces mais rudes. A voz de Ângela Maria, no baixo falante da rádio Nacional, explodia os pulmões das cigarras:

- Babaluuuu...

Alheio, Jaimijota limpava as unhas pensando na vida.

48- A inauguração do galinheiro

... Tô fraco... tô fraco...

Os convidados chegavam e eram recebidos por um coro de galinhas d'angola, concertadas em fila indiana, formando um corredor polonês. Ribeiro da Mata os encaminhava às mesas dispostas no adro do galinheiro. Ovos mexidos, frango a passarinho, coração de galinha e o prato principal era fricassé de galinha, de sobremesa gemas batidas no açúcar, levadas ao coco se disfarçavam em deliciosos quindins de Iáíá.

Joana Papaverba sentando-se num gritinho:

– Ai! Adoro ovos mexidos.

E os convivas davam vivas e urras às delícias todas, e o galinheiro era lindo e imponente. De cada janela do galinheiro descia um tobogã numerado, ligado ao fiofó de uma galinha. O convidado que acertasse o número do tobogã que trouxesse o primeiro ovo do novo galinheiro ganharia um lugar no júri do torneio de rimas. Joana Papaverba apostou no 69 e ganhou.

49- Pescaria

- Eis que se apropinqua a umbrosa procela, eclipsando a piscosidade...
- Pô, Chico Doido, fala língua de homem sô! - BJ.
- Vai chover, seu animal, e os peixes deram no pé, morou?

50- Oração de Papaverba

Obra de fundamental importância para nossa cidade. Pensem na melhoria da qualidade de vida aviária na nossa região. Esta obra é fruto da mente visionária de um abnegado lutador pela causa de nossas irmãs mais fiéis: as galinhas. O Dr. Ribeiro da Mata não mediu esforços para realizar tão importante monumento em tempo recorde. Tenho dito!

51- Cocoricante

Da parte das penosas, o galo Rafael agradeceu a presença de todos, enalteceu a nova moradia e aproveitou para pedir ao padre BPM que interferisse junto ao Altíssimo, para que diminuísse o tamanho dos ovos ou aumentasse o diâmetro da cloaca das galinhas.

Após os aplausos, Ribeiro da Mata descerrou a placa comemorativa.

52- Discurso do brinde

– Vida longa às galinhas! – propôs Ribeiro da Mata, iniciando o discurso do brinde.

– Que tenhamos galinhas sempre fortes e saudáveis, de todas as raças e penas; e as de pescoço pelado também. Vida longa ao ovo! O ovo que é o começo de tudo. O que seríamos nós sem o ovo? Quem seria capaz de dizer quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Por isso, ergo um brinde à perpetuação da espécie, e viva a mãe galinha!

53- Presidindo a sessão

Averbaverba matava borrão e moscas bestas que pousavam em sua coxa de frango, com pena de ganso.

54- O ovo ou a galinha?

Depois veio a corrida do ovo na colher, em que Joana tropeçou e caiu de boca no ovo, babando no pinto.

55- Torneio de rimas

Chico Doido começou troante:

- O amor é um terno eterno,
que só acha a justa medida
no calor acolhedor do inferno.

Ufumu, então, cantou assim:

- O amor é pluma
Leve, leve
Como o ar e a bruma.

Na sua vez Vronski soltou a pena:

- O amor é puro aço,
Que se tempera
A cada amasso.

Joana Papaverba considerou que Vronski possui uma sensualidade visceral. O padre BPM assinalou que Ufumu apresenta o amor místico transcendental. E finalmente d. Violeta louvou o amor irmanado em Cristo, de Ufumu. Assim, Ufumu ergueu orgulhoso o troféu "Vênus de Milho" que recebeu das mãos de Papaverba.

O encerramento foi com uma chuva de penas, do que se aproveitou Vronski para arrastar Joana Papaverba para a moita mais próxima.

56- Atrás da moita só não vai quem já morreu

Atrás da moita, Vronski meteu na bigorna dela o martelo e foi-se Joana Papaverba correndo com a bunda toda picada de formigas.

No hospital, o sargento Pimenta fez a ocorrência.

57- Meteu a chanca

Chico Doido matou a beata. Vinha da Granjaria, flutuava quando viu uma borboleta, extasiado:

– Deus só podia estar ligado quando projetou um bicho desse!!! Mas...

...Tinha uma pedra no meio do caminho...

Puta quiu pariu! Caralho! Ai meu dedão. Fudido ficou o dedão do Chico. Bosta! Sangue pra cacete.

Tranco do tamanco.

O corno do Papaverba só botando no cu da gente. Cão sarnento, cadê o calçamento? Ladrão, aqui pra ele ó! Ai meu dedo! Aquele japa toma Fumu acha que eu vou engolir aquela foca. É foda. Merda. Esqueci a porra do livro. Dianho de diamba ruim. Filho da puta me malhou, bosta de boi. Porco nojento. Sangue de montão.

O manco tamanco aos trancos.

A galinha da Joana chupando a pica do cabo. Piranha gostosa. Fuck you piru. Dói. Cazzo. Foca turbinada. Ai meu dedo. Conversa mole de japonês xarope. Cocô. A velha Berê vai encher os bagos querendo o aluguel. Marafona, o dia inteiro coçando a catinguda e me gigolando. Sangreira.

O tamanco manco aos trancos e barrancos.

Foca radioativa! Essa é de foder a caraminhola. Logo agora que eu ia comer o brioco nojento da Baiana morfética. Vigarista, dez contos. Putain de merde. Vir do Japão até o Brasil montado numa foca com a mulher e dois filhos. Va fan culo. Não tem jeito. Vou ter que ir naquele açougue, abriu uma buceta no meu dedo.

- 101- Espinhela caída toc toc toc
- 102- Doença de São Guido toc toc toc
- 103- Mãe do corpo toc toc toc
- 104- Fogo Selvagem toc toc toc
- 105- Tisga toc toc toc
- 106- Dordolho toc toc toc
- 107- Garco toc toc toc
- 108- Escandescência toc toc toc
- 109- Doença do ar toc toc toc
- 110- Barriga inchada toc toc toc
- 111- toc Emergência

O sargento Pimenta fez a ocorrência.

58- No feio fórum

Averbaverba matava borrão e moscas burras que pousavam em sua cadeira de balanço burocrática, com pena de ganso.

59- Eleição e sacanagem

– Xiii!!! Xá xegou exe xato! – A dentadura dançava axé-music na boca da Baiana.

– Dá a minha jurubeba! – ordenou Papaverba.

No quarto a Baiana acendeu o abat-jour e ascendeu a fotonovela.

– Eu preciso ganhar a eleição, Baiana... chega mais pra cá... preciso comprar aqueles votos...

– Ai!!! Tá me machucando...

– Não dá pra largar esta revista não?... abre mais... aquele maldito jornalista tá me enchendo o saco...

– Chiii!!! Ele vai pedir ela em casamento...

– Mexe, Baiana....

– Goza logo porra, tá me machucando.

60- Saudade

O dia das meninas Ufumu deste ano foi comemorado com uma saudade adulta. Yukiko, Etsuko e Taeko fizeram o lanche da nostalgia ao som dos bem-te-vis.

– **Não corre não!**

– **Estou atrasado para a aula.**

61- Sínodo

Todas as noites o padre BPM excomungava o cigarrinho do capeta e, do banco da praça, Chico Doido observava a fumaça branca saindo da torre do sino:

– Habemus maresiam!

62- Solidão

Padre BPM, da torre do sino, observava Chico Doido sozinho na praça, olhava para si próprio em sua clausura, então perguntava a Deus: fizeste tantas coisas, tantas pessoas, por que és tão só, meu Pai? Por que tantas pessoas e tantas só?

Deus respondia com o badalo do sino assinalando uma da manhã, depois duas, três... madrugada adentro. Então, de repente, vinha a luz do sol, enérgica, empurrar-lhe uma colherada de cotidiano garganta abaixo.

63- Papaverba e o facão

Papaverba tentando explicar a um cabo eleitoral como funcionava a sua campanha a Verbalizaverba Federal, brandia o facão enorme:

– Quem não respeitar eu passo o facão! Se é federal, eu passo em cima, se é estadual eu passo em baixo...

O cabo eleitoral, que assistia àquilo com as mãos entre as pernas, perguntou:

– O meu cabo o senhor não vai cortar não, vai nada?
– Se mijar fora do penico...

64- Sonho pleitoral

Ribeiro da Mata transava com uma urna bem gorda, atrás do curral:

– Me come, me fode, meu führer! – a urna morna.

– Vou te encher de voto, sua vaca – gargalhante.

No instante seguinte, começam a surgir muitos cadáveres saindo de dentro da urna, crianças esqueléticas, bebês natimortos, pretos descamisados, etc. Assustado, acorda agarrado às tetas gordas da patroacoroa e reza uma “Lave Maria cheia de graxa”.

65- Plataforma

Com seu ford bigode e muito dinheiro, Papaverba ia angariando simpatizantes e cabos eleitorais. Desde a época em que vendia bugigangas para os índios, tinha enriquecido e hoje era dono de vários armazéns espalhados pela região. Com o mandato na prefeitura, tinha se consolidado como um líder político da região. Agora queria conquistar a capital federal.

66- Violeta encontra a poesia

Os ladrilhos pulavam sapatos de boneca de par em par, ao som de Chopin em ouvidos vespertinos, na calçada de d. Lila.

67- Comício elétrico

O ford de bigode penteado atravessava a praça em apoteose. Papaverba pingüim de casaca, em pé, falava aos eleitores, através de alto-falantes instalados no carro. O tiziu dava pulinhos excitados.

– Povo de Feudópolis, a Capital Federal é nossa...

E a massa respondia em coro:

– Aha uhu...aha uhu...

– Aha uhu...aha uhu...

– **Quem ganhou, Beija-flor ou Portela?**

– **Beija-flor.**

Osmar, o motorista do carro aberto, seguia lentamente o cortejo de cavaliços, que guiavam Papaverba rumo à Câmara Federal.

68- Macarrão patriótico

O branco do guardanapo no fundo preto da batina, às vésperas da eleição, era uma bandeira brasileira em negativo. Os pingos de molho de tomate do macarrão de d. Violeta salpicavam estados e o distinto Distrito Federal. BPM engolia as confissões

de d. Violeta em longas e largas garfadas de goela-de-pato.

69- Votos

O domingo acordou macambúzio, com cara de segunda-feira e as pessoas iam para a demoniocracia como quem vai para a lua-de-mel em Cubatão. As roupas roubavam o amarelo dos sorrisos e os sapatos brigavam com as pedras a qualquer atrito. As urnas eram latas de salsicha onde as pessoas se jogavam céticas.

70- Oásis

Era uma vez uma nuvem de macacos em Canudos – o poirão que levantava a estrada em saudação a Alah, quando a carroça do mascate chegava a Feudópolis.

Na beira do caminho uma garrafa e de dentro dela saltou Joana Papaverba, vestida de *Jeannie é um gênio*:

– Amo, ai, amo, sou toda sua!

Ali Babou, o mascate, cravou nela sua adaga enferrujada e rolaram no leito da estrada como um bife rolê à milanesa. O escorpião esperto, de garfo, faca e guardanapo, aguardando para ferrar a bunda dela.

E o Sargento Pimenta, Forever, fez a ocorrência.

71- Sermício

BPM celebrou missa com sermão de irmandade e coronelismo, de voto válido e arquidiocese, lembrando aos santos os tantos pecados mortais e imortalizando a democracia e o dízimo: porque sem o dízimo, dizia BPM, não se chega a Cristo. Aí o vinho levantou o padre e a taça fez tim-tim.

72- Transporte eleitoral

Pela estrada afora
Eu vou bem contente
Levar estes votos
Para o co-ro-nel.

Ufumu, ao volante do caminhão repleto de votos maltrapilhos, se dirigia à boca da urna. Muito pó, poeira, muita zoeira, algazarra. Uma curva nipônica derramou os peões no pasto, contra a vontade do caminhão esperneante.

No hospital, o sargento Pimenta fez as ocorrências.

73- Papaverba eleito

Papaverba endividou todos os esforços para comer, na boca da urna, os votos adversários e conseguir a vitória.

74- Vitória

Bandeirolas ornamentavam a cidade naquele dia de festividade cínica. Fogos de artifício espocavam provocando a ira dos deuses e o coreto fazia caretas para o cordão de puxa-sacos que nele se apinhavam. A praça, tomada pela multidão, balançava o chão xaxando:

... Ele tá de olho
é na butique dela...

Papaverba e Ribeiro da Mata discursavam o triunfo e percorriam qualidades escorregadias. O povo, bem, o povo queria festa. O bar do Cacique, em pé atrás, virou provador de magazine: experimenta óculos, pé de botina...

75- Um lance de Doido jamais abolirá o azar

Anoitou. E Chico Doido um cão no balcão. Observava.

ZYC 676 Rádio Sociedade shshsshh shshsshh...

...o peixe é pro fundo das redes, segredo é pra quatro paredes...

- Uma pinga e o torresmo, Cacique.

- Cacique, 'té mais aqui no canto da página. Pô, esse narrador já vai me chamar de Chico Doido de novo, puta preconceito! Já tô chulé com ele.

- Eu também. Quem quer ser índio neste país? Fica me chamando de Cacique o tempo todo, Chico Doido.

- Qual é Cacique, você também?

- E você?!

- Ah! Larga pra lá!

Chico Doido jogou porrinha consigo mesmo para desaporrinhar e botou sua rádio no ar:

- ZYC 767 Rádio Feudópolis na cerimônia de casamento do Sr. Anill com dona Magenta

Papaverba fechou contrato com um empresário do Rio de Janeiro onde foram passar a lua-de-mel de trem que transportaria os espelinhos que Papaverba trocava com os índios por pedras no caminho houve muitas mas o Sr. Anill trabalhava duro no início foram espelhos depois pentes *Flamengo* e camisas no varal que dona Magenta lavava além de cozinhar. Você sabia?

– Merda, perdi de novo!

76- Compromisso de campanha

Ribeiro da Mata criou as subsecretarias (que o povo batizou de SSs) para acomodar todos os cabos eleitorais na Prefeitura. Em troca do apoio dos fazendeiros ao projeto de estatização dos poços artesianos, RM garantiu preço mínimo para o milho e criou o PIG – Programa de Incentivo às Galinhas – e ainda o Programa Um Saco de Pipoca para Quem Tem Fome.

77- Justiça Eleitoral

Averbaverba sentado em seu mata-borrão de balanço eleitoral matava moscas burras adversárias, com pena de ganso.

78- O começo

O charque gaúcho chegava suado pra burro, enquanto Papaverba peneirava a bateia dos índios. De tarde os secos e molhados se encontravam para mais uma cachacinha, na venda de Papaverba, que, aos poucos, com seu facão, foi podando o matogrosso das dificuldades e plantando as sementes do seu império.

79- Na zona

Na Beira Rio ficava o muquiço da Baiana, segunda casa de Chico Doido. Nesse dia, chegou Iracema, uma indiazinha vinda do interior da Bahia. Pitelzinho de sarapatel. Morena de olhos amendoados, lábios carnudos e suculentos. Pele cor de mel, seios ponta de flecha. Chico Doido endoidou. Queria a primazia. Duas pingas pra lá, seu moço pra cá. Meu denguiho, vou ser seu cacique de flecha e tacape. Devagar, bem devagarinho foram para o quarto. Iracema semidespiu-se de luz e roupas. Chico Doido incrédulo. Foi um estouro! Fizeram o Kama pelo direito e **me dá um free e um chicletes de caixinha** o Sutra pelo avesso. As estrelas piscavam rápidas, atentas. Naquele instante Chico Doido já não era doido, era êxtase e volúpia, furacão de tesão e tsunami de esperma. O que se seguiu ficaria gravado para sempre nas retinas já fatigadas de Feudópolis: os peixes voando sobre as águas, num balé alucinado, **bolo de chocolate 80 centavos** uma nuvem de urubus se formou sobre o muquiço escondendo as estrelas. A pedreira em frente explodiu sem dinamite e choveu cascalho de brita por três noites e três dias sobre a cidade, que ficou com as retinas além de fatigadas, também empoeiradas.

80- A briga de Hitler com Nero

Ufumu, fagueiro e fogueiroso, selecionava gravetos e paus.

– Quem sabe o frio aquieta sua cauda enregelada numa fogueirinha à-toa?

Juntou estrelas e trecos e pôs-se à obra. A senhora Ufumu trouxe as batatas. As crianças trouxeram as tranças. As horas comeram a hora. E o cansaço brotou do chão. Dormiram. O vento não. Ciscou, ciscou e flechou uma fagulha no coração da mata. Incêndio. FOOOOOOGO!

Ribeiro da Mata, touca de lã, num lancinante sonho... Ardências nas formas flamejantes da bela Walkíria peladona. Toda quente. Toda sua. Toda nua. Ele no pêlo da égua em pêlo, sua. Fogoso. Em chamas. Chamas????!!! Hein!!! Hã!

– Chama o capataz.

O sonho acordou. Seu paraíso tornado inferno. Irremediável. *Consumatum est.*

Ribeiro da Mata, com a batata quente na mão, chutou o traseiro aziagoasiático de Ufumu. RUA!!!

Desconsolado, desfazendado, Ufumu de si para consigo:

– Não entendo. O fogo é a natureza. A mais bela natureza. Só a mulher tem formas tão belas. Como a mulher, ele arde e dá a luz. Refaz a vida. Daqui a pouco a mata estará viçosa novamente.

Assim, Ufumu foi expulso do Paraíso.

81- Maismórias

A banda, de bumbo e galardão, desfilava e o trombone de vara visgou a atenção de Chico Doido, que levava a vida na flauta. Chico pensava que a poesia é a mãe da língua e o ritmo o seu pai. Já o romance é a sua mais sórdida perversão. Por isso, andava revoltado com sua condição de personagem de um romance, nascera para trovador e sua vida não o saxfazia, mas o destino se encarregaria de colocar as coisas em pratos limpos. E o dobrado seguiu dobrando a esquina da praça.

82- É Freud

O padre BPM, após a ducha fria de dez pais-nossos e dez ave-marias, deitou-se e apagou o fogo da lamparina de Ribeiro da Mata dava seus últimos suspiros quando ele ajeitou o topete debaixo da touca de lã que combinava com a camisola.

Bbzzz Pai nosso que estais no céu bzzz eu quero ser bispo bzzz *e eu quero ser Deus* bzzz fiuu faça voto de pobreza meu filho bzzz *quando eu sentar naquele trono* bzzz doe, doe seus bens à Igreja bzzz ronc *boto aquele Pedro incompetente a ferros* bzzz fiuuu perdoe as nossas ofensas bzzz santificado seja o Vosso nome fiuu se você doar todos os seus bens eu converso com Deus bzzz

– Ham ham – limpou a garganta a mulher de Ribeiro da Mata, o pernilongo só olhando.

Deus está mesmo precisando de umas férias bzzz ronc *em vez de chuva só manda pedra* fiuu ronc você vai para o céu e eu para a Diocése bzzz *e quem não gostar eu prendo e arrebento* bzzz seja feita a Vossa vontade, amém.

83- O casamento do padre

– Na sacristia não, meu filho! – Deus.

O vestido de noiva pendurado ao lado da batina branca era testemunha. O noivo no altar, a marcha nupcial dava seus primeiros passos. O sino blémbém. Roncrooonnc... Padre BPM virou-se de lado e puxou a cobertura... Joana de calcinha, o Padre em pêlo de Adão.

– BPM na sacristia não! Não não não... – Deus.

O sacristão batia a sineta a caminho da sacristia, tlémtlém.

Vestiram-se rápido. Joana de batina e o padre de noiva.

O sacristão vinha vindo.

O sinosineta blemtlém

– Acorda, seu padre, olha a missa, tá na hora!

84- Quadras

Chico Doido troçando de BJ, recitava uns versinhos que aprendera há muito tempo:

“...Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
façam estalar no ar chicotes
chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajaezado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro!”

85- Palheta de cores

O sr. Anill sentado à mesa, ao lado do angu, encarava o bife. A couve, com seus olhos verdes, afogada. Violeta, menina, se esgueirando pela fresta da porta, como um raio de luz, assistia dona

Magenta trazendo da cozinha o arroz, pálida. Eram dez horas da manhã na infância de d. Violeta.

85- After breakfast (ou Fissão morfológica)

A noite calada e quente trazia Ufumu na labuta dura do pão nosso de cada dia. Mistura massa, farinha, fermento, sal, açúcar e fortalecedor. Ufumu trocou os frascos, confundiu Confúcio com o filho do Lúcio. No lusco-fusco, o frasco de calmante virou fortalecedor. Um Rosário de Fuscos, para acertar, rezara. Mas errou.

De manhã, um solzinho progressista veio tomar café na padaria do seu Osvaldo: pãocomanteigacafécomleite. A praça abriu um sorriso rua acima. Descia para Grota Funda um hálito sertanejo. Chapéus sombreavam os pés do mundo.

- Seu Zé!
- Sá Dorinha!
- ... co'vai?...

Mas, após as 7 horas, era dia de gala, a fala por si não diz, veja:

A cidade tartarugava, em suas rugas dormia, cigarra no inverno, hibernava urso polar tropical. A manhã bêbada tentava alcançar um bar para mais uma. Passarim num pé só, dormia a cidade.

– I think... penso... je pense... que... my dream is...
real. – Chico Doido no banco da praça, sonado.

Viagem. Lentidão. O coelho da agilidade debaixo da
cama. Quietos.

A cidade estava B R A S I L E I R I N
H O.

– O pão, seu Osvaldo, que pão é esse?

A turba da urbe descobriu o Brasil do erro do
japonês e quebrou a padaria do seu Osvaldo. E só
restou a **pa** e a conjugação do verbo no futuro do
pretérito.

O sr. Anill mergulhou no branco dos lençóis afogados no tanque e morreu de pernas para o ar.

87- Sincretismo sinistro

Ufumu sincretizou o Buda, e piou no terreiro de Mãe Joaquina. Granjaria. Não agüentava mais a ziquezira zanzante.

– Vou fechar o corpo! – fechou questão.

Meteu-se na mata, o medo preto, a noite branca. Levava alguidar e farofa, vela preta e pipoca. A noite bela. Crilo grilando. Cri...cri...cri... A prateada lúmina bebia o cachoeirão. Pedra e sapo. Ronc.

...do jeito que suncê tá

só o marafo pode ajudá...

Cantou-lhe à memória Mãe Joaquina, branca como duna. E branca era a sua dele roupa, a noite e a paz ansiada.

– Mizifio, bebe Exu Caveira com marafo, de costas para a cachoeira, joga a garrafa sem olhar pra trás e vai...

Escorreguenta.

O descarrego

descarrilhou

as dobradas pernas

pedregulhos

abaixo. Ufumu relou, ralou, rilhou e ralhou.

– *****!!!

O sangue sentou na poça da onça beber água. No fundo do mundo, miúdo e mudo. Ai! Ai! Ai! Três noites e dois dias.

No hospital, o Sargento Pimenta fez a ocorrência.

88- Pneumotaurus

– Diga trinta e três! – Jaimijota.

– Trin... carrraach... ta e três carrraach – plastacatarrentamente rubra na gamela. Chico Doido todo vermelho.

... Iracema meu grande amor foi você...

Sem pena, José de Alencar, sertanejo cearense, queimara-lhe a roupa com seis pérolas de chumbo.

– Agora eu quero o autor. Esse bandido que vilipendiou a minha Iraceminha – para a Baiana.

– Nada a fazer! Já deu zangão no mel da sua virgem, Zé! – Jaimijota.

O Zé Zangado não tinha ouvidos, era um gigante:

– Cadu ele?

– Água... – Chico Doido.

– Acode, sacode, ele tá morrendo! – a Baiana.

– Tá vendo, Iracema, seu amado aí Mortinho, de justa, de bala e de vício, ele foi embora.

– Ha! Ha! Ha! Mister Crazy you're going to be fined!

– Jaimijota na lajota.

No hospital, o sargento Pimenta lamentou a ocorrência.

89- Deu rebu no bafafá

O morro do cemitério descia embaixo do burro Jeremias, BJ, com sua carroça empapada de lágrimas. Jaz no caixão Chico Doido. Um hálito sepulcral botava a brisa para correr. Iracema, a Baiana e padre BPM compunham o cortejo em coluna. Tarde friíssima, portão grandíssimo, silêncio caladíssimo. A dois metros a cova se afunda. Arrê.

Começou o comício, barulhentíssimo:

- Comuna - seu Titino.
- Herético - d. Mimi.

A claque partiu para o ataque.

- Pode tirar o seu cavalo da chuva!
- Aqui não, violão!
- Guarda sua viola no saco e vai cantar em outra freguesia!

Os esqueletos mofados se levantaram das tumbas. Seu Titino, bigodinho espezinheiro à frente:

- Seu padre, em nome da Santíssima Madre Igreja, aqui no campo santo não tem lugar para esse desvirtuado.
- Meu filho...
- Trrraaaaac....buffff...
- Que é iiiisso, Titino?? - d. Mimi.
- Meu filho, mas ele é só um Chico ninguenzinho!

- Chama o meritíssimo – seu Titino.
 - O meu amor vai ficar aqui sim, seu esqueleto peidorreiro! – bradou Iracema.
 - Cala a boca, menina! Você é uma descontextualizada. Antigamente...
 - Calma – apaziguou o padre BPM.
 - Não me venha de fino, seu Titino, que o senhor batia o sino da Virgínia Carla, a vedete de Ouro Fino.
 - rodou a Baiana.
 - Titiiiiiiiiino, seu cretino! – d. Mimi.
- O burro Jeremias, BJ, de quatro:
- Chama o Altíssimo, o Grandíssimo, o Diviníssimo, ora meu saquíssimo!!!

90- Almoçando com a justiça

Moscas mortas e burras, com pena de ganso, espantava Averbaverba em seu mata-borrão de balanço, fora do feio fórum.

91- Deus e o Diabo no cemitério

A noite gatuna pungava luzes às lápides narcisas, empurrando a media luna por entre as brumas. Iracema roía a unha da angústia sentada na espera e o vento meirinho exigia silêncio de todos shshshsh.

Deus e o Diabo atravessavam a praça, abraçados,
...chegou a turma do funil
 nós é que bebemos
 e eles que ficam tontos...

em direção ao cemitério para resolver a pendenga. Instado pelo padre BPM no bar do Cacique, Deus interpôs uma condição:

– Só se o meu amigo aqui for também.

A algazarra inoportuna fazia fortuna, subiram o morro e o tom

... chegou a turma do funil...

Na entrada do cemitério, Deus botou os bofes para fora.

– Cerveja quente, Diabo! – praguejou.

– Eu te avisei que aquele inferninho era programa de índio. – retrucou o Diabo.

– O senhor sabe que não pode misturar. Bebeu todo o vinho da igreja e ainda foi beber cerveja. – admoestou o padre BPM.

Enfim, ao pé da cova:

– Quem morreu? Qual o problema? – Deus em dúvida.

– Altíssimo, foi o Chico, o Chico Doido, essa pobre alma.

– Chico Doido morreu? Não pode ser! Ele é um personagem e personagem é imortal. Vai comigo para o céu agora mesmo. Além do mais é um companheiro de copo.

A Berê chega esbaforida, aos berros:

– O aluguel! O meu aluguel! Este ordinário me deve seis meses de aluguel. Eu quero receber.

– Eu te darei a sua recompensa na hora certa, minha filha. – Deus Celestial.

– Nã nã ni nô nô! Eu quero agora! Tutu na mãozinha da Berê.

– Meu amigo, deixa que eu carregue ela comigo pros quintos, mas quanto ao Chico, não é justo você levá-lo. Eu sempre protegi esse moço, fui eu quem lhe apresentei a Iracema. Ele vai comigo. Por você ele tava comendo a Baiana até hoje.

A Baiana, ofendida, mandou o Diabo pro inferno. Os esqueletos, seu Titino à frente, dentiabertos, o padre BPM descreia de tudo.

– Aqui quem manda sou Eu! – disse Deus. – Vamos, Chico!

O Chico só deu uma piscadela para Deus e subiu aos céus.

92- O que quer o clã?

– Alto lá! – Ribeiro da Mata, gestinervosoculante – O senhor considere-se preso em nome da Segurança Nacional!!! – e disse isso olhando pra Deus! (Veja você se isso é possível!)

A tropa de capuz branco agiu rápido e jogou Deus algemado no camburão. O julgamento foi sumário e constou de um pai-nosso e uma ave-maria, dita em voz baixa e pela metade. O padre BPM saiu de fininho e foi lavar as mãos. Agora já posso ser bispo, segredou à água corrente.

93- Voto de pobreza

Todo amarrado, Deus foi jogado de avião sobre o mar do Triângulo das Bermudas, no mesmo instante em que BPM e Ribeiro da Mata faziam altas libações ao Cristo no Corcovado, onde amarraram o maior Bode. Com o paraíso a seus pés, Ribeiro da Mata passou a Paraíso e todos os seus bens para a Santa Madre Igreja, em escritura sacramentada e juramentada.

A seguir, Ribeiro da Mata, já empossado no cargo de Deus, dava ordem unida para o Cristo:

– Descansar! Última forma! Meia volta volver!

Enquanto isso BPM, agora Bispo, ordenava turistas japoneses com o seguinte imperativo: Iesus Nazareno Recebe Ienes.

94- Muita areia no areião

Na beira do rio, protegida pelo bambuzal, Joana Papaverba nuinha se banhava no remanso. Domingo. Mas para japonês domingo não existe.

– **Rua Catete, 151. Troco para R\$ 10,00.**

Orou a Buda, botou a bunda no barco, cantando assim:

... Se essa canoa não virá
Olê olé olá

A Buda, eu digo sayonará...

No meio do rio, alcançou e ligou a draga, a areia jorrou viscosa. O japonês abriu bem os olhos quando viu a sereia Papaverba sem escamas, com o bambu no fundo. Sua libido nadava mais que Tarzan depois de pular do penhasco correndo de pigmeus.

A draga enciumada descarregava sua fúria areia no barco.

– Que droga!

E Ufumu glub, que não sabia glub nadar se agarrou à draga.

– Que droga!

95- Sarapatel visceral

Saiu à socapa o Jaimijota, naquela manhã de domingo em que o sol se escondia de Vargas vírgula foi comer o sarapatel de d. Violeta. Jaimijota adorava vísceras.

A mesa, florida de acepipes que realçavam a fisionomia de Violeta, dedilhava a guitarra da paixão sustentada. O guardanapo, alvo como um lençol, ansiava por uma gota do vinho da virgindade de Violeta, mas a claquete já havia soado o **the end**.

96- Masmórias

Em seus seven years old Chico capinava a fome pela raiz. Segrelândia distava algumas léguas de Feudópolis e muitas léguas de seu sonho de ciudad. Habitava o Riii de Janeiro e hablava com o Cristo tous les jours. Uma estrela guria entonces guiou padre BPM até Chico, que era apenas um chico. BPM levou-o a troco de couro e incenso, morro acima. Chico era uma radiografia de si mesmo e BPM ensinou-lhe o inglês, o francês, a ave-maria, o latim, o grego, o Kama-Sutra, o pai-nosso, o pão e o vinho.

97- Memórias cabeludas

Minhas calças curtas cresceram ocultando os pêlos pelos caminhos que me levaram ao Rio de Janeiro.

Oui, messiê, Feudópolis ainda era pouco mais que pó.

98- O céu e o ato

Desbatinado, o padre desvirginava Chico agachado, perdidos na noite. Após bater o sino, Chico pendurava no sono, mareado pelas ondas da Rádio Nacional. No café da manhã, comia o Pão-de-Açúcar e agradecia ao Cristo.

99- Justiça divina

Começou a gotejar no feio fórum, quando Averbaverba de galocha e guarda-chuva abandonou o mata-borrão de balanço, mas não a pena de ganso para matar moscas burras.

100- Repetição

Padre BPM, à noite, como sempre acontecia, lembrava-se de Chico Doido sozinho na praça, olhava para si próprio em sua clausura, então perguntava a Deus: fizeste tantas coisas, tantas pessoas, por que és tão só, meu Pai? Por que tantas pessoas e tantas só?

Deus (ex-Ribeiro da Mata) respondia: pó, BPM, já vem você de novo com esse papo furado, vai dormir e vê se não enche!!!

101- End duro

D. Violeta esperava a morte e o estupro com a mesma placidez. Sozinha à noite, a qualquer momento a chave fálica na fechadura (dura do recato), fatídica iria abrir seu peito, rasgar seu seio,

arrancar seu coração para sempre da violenta dor de não ser.

102- S.O.S.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Os cabelos seus são corredios e andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas.

Abotoava as idéias o absorto Ufumu, ao vislumbrar na beira do rio dois seres estranhos acenando para ele. Agarrado à draga, no meio do rio, ora olhava para uma margem e via Joana Papaverba nuinha, ora olhava para outra margem e via dois homens estranhamente desvestidos e ficou a pensar que tipo de sonho poderia ser aquele. Que tipo de opção teria que ser feita. Ele sem poder se desgarrar da draga. Joana Papaverba loura-surda não escutara seus pedidos de socorro, quem sabe, talvez, os estranhos o resgassem.

– Tasukete! Tasukete!

103- A ocorrência do Sargento foi feita

O Sargento Pimenta teve uma crise de hemorróidas e foi internado.

104- Decifra-me e te devoro

Já em pé na margem, após ser retirado da água pelo cacique José Maria Silva e Miranda e seu filho Júnior, Ufumu binoculava a pedra transribeirinha que trazia a inscrição: XPTO.

– Traduza e te trará fortuna! – Cacique José Maria Silva e Miranda.

Ufumu, libido-em-pêlo, com o pinto-leme em riste, rasgou o rio e encarou o XPTO Transcontinental de Joana Papaverba em segundos.

– ?????? – Os índios.

Um cardume de piranhas amputou o leme nipônico e abocanhou o XP dela. O rio, então, ficou com aquela cor de Poema do Leiteiro. Para a margem indígena, antes de ir parar no hospital, Ufumu ainda pôde esclarecer: X= dez; O= nada; segue-se Dez(X)Pe-Te e Nada(0).

– **Vendo lanchonete no Gutierrez!**

No hospital, o sargento Pimenta fez a ocorrência.

105- No Palácio Tiradentes

Senhor Presidente, senhores da Mesa, prezados colegas:

Gostaríamos de deixar consignada nos anais desta Casa Legislativa a árdua trajetória que empreendemos para, neste momento, estarmos diante desta honorífica assembléia. As dificuldades e as vicissitudes são tantas, que somente aos fortes é dado trilhar os caminhos que levam ao topo dessas escadarias. E se nós nos encontramos diante de vós neste momento, é porque tivemos como companheiro de lutas este facão.

Com ele, senhores, pavimentaremos a estrada da moralidade e da retidão neste país. Com ele, deceparemos, uma por uma, as sete cabeças do dragão da corrupção e da vilania do Estado. Este é o facão da decência e com ele, faremos picadinho dos ascetas materialistas que ousam duvidar do poderio da Santa Madre Igreja. Este facão, prezados *leitores*,

tem o dever de cair como uma guilhotina sobre a petulância desses pasquins amarronzados que ousam conspurcar a honra dos homens de bem deste país. Eis aqui, nobres deputados, este facão que foi forjado com o ferro e com o suor do trabalho árduo do povo pacato da minha terra. Com ele, senhores, embrenhar-nos-emos na mata escura que é o futuro desta nação, extirpando os galhos podres e velhos de nossa árvore-mater, o Pau-Brasil. Sua lâmina afiada representa a honestidade de princípios do povo brasileiro e com ela romperemos as amarras do capital internacional.
ESTE FACÃO É O REDENTOR DA NAÇÃO!!!

106- Manchete de paskin

No dia seguinte o Pasquim ecoava:
"Guilhotina em casa de enforcado!"

107- Ufumu chega à aldeia

O canto do tico-tico enchia a tarde de nostalgia, no coração da floresta. Os últimos raios de sol na fímbria do horizonte tingiam de vermelho as copas opulentas das árvores que circundavam as ocas. Ao longe, ouvia-se o estrepitoso rugir das águas bravias que se lançavam dos píncaros da serra e que, no embate desfavorável com as pedras, transformavam-se nas calmas águas do regato que serpenteava pela imensa planície da aldeia. Tudo isso encantou Ufumu e sua prole recebidos, com especial deferência, por Pajé Jane e pelo Cacique José Maria Silva e Miranda.

108- Cerimônia da abundância

Os irmãos Vidas-Boas, pintados de verde, admiravam pajé Jane, com suas enormes tetas, puxar o canto:

Ô ba ba
Ô ba baluaê
Ô ba ba
Vai ter fuzuê

Ô ba ba
Ô o pau vai quebrá
Ô ba ba
Vamo comemorá

Ufumu e prole, sentados na tora, tomavam cauim e navegavam no desfile de nádegas circulantes, com passos de chocalho. Pajé Jane ordenhou-se na cara dos visitantes o leite grosso da fartura.

A festa foi interrompida pela fiscalização do Conselho Regional das Bruxas, porque pajé Jane estava inadimplente com a anuidade do Conselho.

109- Pizza com farinha

Na oca oca, pajé Jane pizzou a fiscalização com uns vasos de barro cheios de farinha e a festa prosseguiu com muito samba no pé.

110- Biscoitos quebra-quebra

Os armazéns de Papaverba empacotaram a falência e mandaram-na, como uma carta não franquiada diante da ultimíssima caixa postal do correio geral da vida humana, para o olho da rua número 27.

111- Caixa de Marimbondos

Os paskins, abelhas do estrume humano, fizeram própolis do prócer de Feudópolis, transformando em escândalo o sândalo das fraquezas de Papaverba.

112- Vivaldi a vida

O chuveiro allegro lavava o adágio da nua Joana e a gillete deslizava pela xoxota. Não ligava para as estações – invernos, verões, primaveras e outonos – , pegava no sono. Navegara os cinco continentes sexuais, mas sonhava com Atlântida, o reino de Ulisses, afogado no pico do Itacolomy.

113- O reino de Ulisses

A gillete deslizava na face de Ulisses, que passara dez anos matando e ressuscitando o tempo no pico do Itacolomy. No zumbido da memória ecoava a sombra nua da sua Joana.

114- **123** - Copacabana-Praça Mauá

Papaverba vagamundeou bares e pernasligas, noites, noites e noites e não via a luz no fundo do tonel. O facão amigo, na véspera de cigarro e descabelo:

- É, meu amigo, o beco é sem saída!
- Pode ser, mas eu só vejo o beco.

115- Harakiri de araque

Papaverba puxou o facão da bainha como quem puxa uma Excalibur, pálido *in extremis*. A multidão assistindo com cara de voto válido, ajoelhou-se, segurou-o com as duas mãos, a ponta da lâmina voltada para a cruz de Jesus, que o sol escondido atrás da igreja lhe impingira ao ventre e, finalmente, o sangue fez chafariz na praça.

116- Pisando na Brida

À peregrinação ao santuário de quebra-costelas, pelo caminho de escarpas e cachoeiras, Ufumu declinou com um “muito arigatô”.

117- Happy-end

Ulisses se encontrou com Joana e partiram para uma Lisboa viagem de lua-de-mel. Com uma Canoa Quebrada desceram o rio das Velhas Rio Acima, sorrindo como Grandes Mentecaptos, de suas ridículas cartas de amor não escritas, e viveram felizes para sempre nas águas azuis de Fernando de Noronha.

118- Morte Aflita

Averbaverba sincopou ao entrar em casa e ver uma bomba de flit (minha pena de ganso voou!) matando suas moscas burras. Teve um inflarto!!!

119- Inevitável mundo novo

Foi uma desordem a entrada triunfante da modernidade em Feudópolis. Aquela jeringonça jogava prata na cara de todo mundo e marchava para a padaria do seu Osvaldo, atravessando a Ponte Grande com o povo a admirar.

– Seu Osvaldo, seu Osvaldo, o que é isso?

– É o futuro engolindo o passado, é uma máquina de fabricar biscoitos!

– Veio de onde, seu Osvaldo?

– Veio da Itália.

Ao lado lia-se: Indústrias Marinetti. Prodotto d'Italia.

120- Antropofagia

Tempos Modernos, foi o nome que seu Osvaldo deu aos biscoitos que comeu da receita da Nona.

121- Colecionador de penas

Na madrugada, Jaimijota despertava o seu assovio mais violeta para os pássaros que se serviam de seu alpiste transgênico e em troca deixavam penas que Jaimijota colecionava. Colocava água, o solvente universal, que os pássaros bebiam como se fosse absinto para Artaud, e com o seu canto dissolviam a manhã.

122- Campos Férteis

A sra. Ufumu ficou impressionadíssima com o babaluaê do cacique José Maria, então José Maria deu uma circuladô com a fulô Ufumu e a partir dentão jogavam o xadrez de estrelas todas as noites. Zé Maria dedilhava o shamisen dela pelos campos da aldeia, soletrando-lhe todas as galáxias.

123- O bóia-fria

No seu jirau, Ufumu se aquecia na fogueira do ciúme e requentava a marmita fria da vingança.

124- Ser ou não ser

O martim-pescador pequeno
Estava na árvore seca
Ele desce no rio
Mergulha na água
Pega um peixe

E o come pousado
Corta caminho entre morros
Vai rio abaixo
Vai rio acima
Voa entre o céu e a terra
Desce no rio grande.

Ufumu, escutando essa cantiga entoada pelos curumins da aldeia, resolveu que entre o céu e a terra para ele não haveria mais mistérios. Era um morto vivo, sem honra e sem sexo (amputaram-lhe o reino), mas com a sua enxada roçaria as nuvens, fazendo-as despencar.

1- No jardim do desespero, Ufumu viu que Deus ainda não havia criado a chuva e o homem ainda não havia cultivado as plantas.

2- A brisa matutina enfunou-lhe pelas narinas e ele ganhou forças e trabalhou a terra seis dias seguidos.

3- No domingo, a mandioca de Ufumu assuncionou aos céus passionalmente, subindo pelo elevador de serviço de São Pedro, que no lavabo começou a jogar água fora da bacia. E quanto mais mandioca, mais água caía da bacia de São Pedro, que, distraído, deixou cair o C e a bacia virou uma baía (de um santo só) que caía do céu no sertão.

126- Cabeção do pregão (O inferno em Wall Street)

A mandioca de Ufumu pirou o cabeção do pregão de Wall Street. Porém poucos tinham consciência de que a ferrugem que atacara o tal pregão em 29 não tardaria a se noticiar torrentemente. E o estouro da boiada foi inevitável:

- Compro! Vendo!... Compro!
- Paris parou!!!
- Tóquio de olhos arregalados!!!

Em Londres o Jorge Ben despertou anunciando o Big Bang. O fog subiu aos céus em carruagens de chuva. As torres gêmeas tremeram Nova Iorque parecia Bangladesh. Wood Allen ficou neurótico o Cidadão Kane comandou a invasão de chineses num filme

sem ações da Metro-Goldwyn-Mayer transmitido ao vivo pela RKO. Quando começou a chuva Bing Crosby saiu dançando assim como toda a América Sinatra cantava Garota de Ipanema à beira-mar em Manhattan. No Soho todos tomavam a saideira as Freeways seguiam direto para o inferno em mão única. O astronauta que estava no mundo da Lua por lá ficou. Na África todos morriam de fome e na Ásia de guerra. A Europa ecstaseada a tudo assistia sem tirar a bota.

A tempestade na procela s'encapela.

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

Os satélites de comunicação apaixonaram-se pela Lua e foram passar a lua-de-mel sartreana em um buraco negro qualquer. A Oceania pulava as ondas com uma prancha de surf embaixo do braço. Os furacões desciam a América feito Che Guevara. Bill Gates posou de Atlas suportando o mundo para a National Geographic.

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

Um Buick com a boca escancarada cheia de dentes devorava um canavial onde cada pé de cana era um oficial (ou vice-versa) das forças armadas do sistema solar. Martin Luther King pregava na cruz do deserto os biquínis art-nouveau de Miami Beach. Os pingos de chuva metralhavam as bocas secas pelo conhaque fabricado no Cazaquistão e o raio laser atravessou a camada de ozônio e foi bater do outro lado da rua da amargura. Nasdaq dominou a bola no meio de campo deu uma caneta Bic no Nikkei e rolou para Pelé em Barcelona que driblou a Nike e ultrapassou a baliza de Jacksonville que rebojava diante de uma enterrada monumental de Michael Jordan.

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

Gutemberg telegrafou a Ramsés I, do Egito, avisando da invasão da Baía dos Porcos. O New York Times noticiou que foi encontrada na feira de Acari, descabelada e barbuda, a máquina autofágica chamada capitalismo criada pelo socialismo decadente que proclamava: In God we trustes trastes trôpegos pelos trópicos trust. O Super-Homem estupra uma burka no deserto, atrás da moedinha número 1 do Tio Patinhas. Uma chuva ácida de dólares cai napalma do coqueiro verde de Erasmo Carlos e derruba o avião de Leila Diniz no Oriente. Diante da fúria da tempestade o sol amarelou e se abrigou embaixo da marquise da calçada da fama.

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

Guitarras elétricas ensurdecem o orelhão do Central Park que assassinou o Bebê de Rosemary em frente ao Dakota do Sul com uma bíblia embaixo do braço. Cowboys fazem Tiro ao Álvaro na fonética de Noam Chomsky soletrando bala por bala o Teatro do Absurdo onde a Cantora Careca dança Can Can para tonéis de puro malte empoeirados de sombreros. As plantações de milho tomam elevadores, e olhanóis, descendo às telas de plasma sangüíneo da vertente sul da bacia do Mississipi onde Billy the Kid fez xixi. O furacão Carmem Miranda invadiu o Golfo do México projetando a antena da Televisa contra o mural de Rivera à sombra das chuteiras imortais no estádio Azteca. Fidel Cristo Brando desceu o morro dos ventos uivantes e seguiu perseguindo a bodeguita para um brinde de cuba-libre com Hemingway.

– **Passou no concurso?**

– **Passei.**

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

Uma brasileira bala perdida, fazendo a América, encontrou os miolos de Kennedy que caíram no colo de Jackie o Estuprador. A estátua da Liberdade fazia um Cruzeiro x Atlético pelas ilhas gregas enquanto a ditadura do Tio Samy Davis Jr. lançava bosta na Geni sentada na América Latrina. Macunaíma brazucou o carro de Somoza que ouvia Janis Joplin cantando Mercedes Benz e John Lenonn cantarolava My Woman from Tóquio para a vara de pescar baleias assassinas nas águas geladas das ilhas Falklands penteando o bigode dos generais pingüins de sobrecasaca e chapéu coco.

Capitu capitulou diante da tempestade sertaneja xororona.

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

O Xá do Irã tomava um cafezinho em um pub de Paris sentado num barril de pólvora assistindo à parada de sete de setembro às margens do rio Nilo em comemoração à queda da pastilha de freios ABS do bólido do bispo Sardinha.

A torre de papel chamada Brasil desabotoava a favela do sinto muito Mrs. Tambourine, mas marmelada pouca meu piru primeiro e tacava a vara de marmelo no lombo espírito de porco do burro do português do botequim. Hello crazy people o DJ Big Boy descendo a ladeira dos novos baianos soletra o alfabeto do português de tamanco do botequim da Carioca def difficult e no castelo de Pasárgada tem uma bandeira austinada tomando a mescalina da Paz de Catete e o cacete do revolve de Getúlio numa tauba cheia de pregos e gregórios com uma lacerdinha nus ói.

– Compro!!! Vendo!!!!... Compro!!!

A palavra tomou um ácido e aterrou o Flamengo
flamando o fogo da orfandade alegria alegria
cercando de mandacaru o Nordeste em sêca e brasa
e cerca como se fosse um verde que ti quero verde
de Lorca louco pelas poucas migalhas d'água que
caem do céu azul da América do Sol transformando
o sertão em mar, que os passageiros do Titanic
tentam baldear com a canequinha furada do
crescimento capitalista sustentável.

Fez-se Inteiro Maremoto.

Rio Acima, Tangará, verão de 2008.

Revisão: Maria Lina Soares Souza

Capa: CADU Cardoso

Endereço para correspondência com o autor:
kadukata@yahoo.com.br